



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de encerramento do Seminário Internacional Brasil-Turquia**

Istambul-Turquia, 21 de maio de 2009

...(incompreensível) presidente do Conselho de Relações Econômicas Internacionais da Turquia,

Senhor Rona Yırcalı, presidente do Conselho do Deik,

Senhor (incompreensível), presidente da Câmara de Comércio Brasil-Turquia,

Empresários brasileiros,

Empresários turcos,

Jornalistas brasileiros e jornalistas da Turquia

Eu quero só alertar ao companheiro intérprete que talvez eu fale mais do que o que está escrito eu vou tentar falar muito devagar para ver se todos compreendem.

Primeiro, antes de ler o meu discurso, [quero] dizer aos empresários turcos e aos ministros da minha alegria e satisfação de estar participando deste seminário em Istambul. O último mandatário brasileiro que esteve na Turquia foi o imperador Dom Pedro II, em 1865. Portanto faz 134 anos que o último mandatário brasileiro visitou a Turquia. Eu não consigo compreender quanto tempo nós perdemos em não estabelecer relações com países que têm similaridades com o Brasil.

Primeiro, o documentário apresentado pelos companheiros da Turquia fala muito da América Latina. E a América Latina é um continente muito diversificado em tamanho de países, em populações e também do ponto de vista cultural. Como eu não tenho procuração para falar em nome da América Latina, eu vou tentar falar um pouco do Brasil.



O Brasil é um país de 190 milhões de habitantes. É um país com uma extensão territorial de 8,5 milhões de km², um país com uma costa marítima de 8,5 mil km, e um país com uma fronteira seca com seus vizinhos de praticamente quase 17 milhões [mil] quilômetros de fronteira. O Brasil faz fronteira com todos os países da América do Sul, menos com o Equador e com o Chile.

Segundo, o Brasil tem um PIB de U\$ 1,6 trilhão. O Brasil é o maior exportador de carne do mundo, é o maior exportador de suco de laranja do mundo, é o maior exportador de café do mundo e, possivelmente, seja hoje o maior exportador de minério de ferro do mundo. É o segundo produtor de soja do mundo, é o terceiro produtor de avião do mundo, e em qualquer coisa que nós quisermos pesquisar, o Brasil está entre as oito economias do mundo: na produção de celular, na produção de carros, na produção de máquinas e em outros tantos produtos.

Eu estou dizendo isso pra ver se torno mais atrativa a visita de empresários turcos ao Brasil, e que lá no Brasil convençam os empresários brasileiros a visitar um pouco mais a Turquia. Até porque, no Brasil, tem uma coisa interessante que vocês precisam conhecer. Qualquer vendedor que vai vender alguma peça de roupa ou algum produto na casa das pessoas, prontamente ele é chamado de turco. Prontamente. Eu não sei se é um turco nascido aqui em Istambul ou no tempo do Império Otomano, se era um turco nascido na Arábia Saudita, nascido no Líbano...

De qualquer forma, apareceu uma pessoa com alguma coisa para vender na porta de um brasileiro, ele sabe que é um turco que está vendendo alguma coisa para eles. Portanto, é preciso fazer jus a essa especialidade de comercializar do povo turco para que nós possamos estreitar as relações comerciais entre o Brasil e a Turquia. É por isso que eu estou aqui com uma delegação de empresários, vários empresários importantes, de vários setores, para que a gente possa tentar, a partir agora, saber mais rápido e ser mais



ousado do que nós fomos até ontem. Até porque esta crise econômica, no fundo, no fundo, ela é uma crise que vai exigir dos governantes do mundo uma atitude diferenciada daquelas que tivemos em outras crises no final do século passado.

Esta crise exige que o Estado exerça melhor o seu papel de regulador e de indutor, seja do sistema financeiro, seja do sistema produtivo. Esta crise, diferentemente das crises do final dos anos 80 e dos anos 90, não está exigindo de nenhum Estado um ajuste fiscal como foram feitos nos países que sofreram a crise nos anos 90. Esta crise não está precisando que o FMI diga qual é a política monetária que a Turquia tem que adotar, ou a política monetária que o Brasil tem que adotar.

Esta crise está a exigir que o Estado seja mais Estado, fazendo mais investimentos para recuperar a economia. É por isso que no mundo inteiro os governantes começaram a elaborar programas de investimento e infraestrutura para tentar resolver a crise a partir do crescimento do mercado interno de cada país.

É por isso que o presidente Obama fez quase que como primeiro anúncio, depois da sua tomada de posse, um investimento de quase US\$ 700 bilhões para reaquecer o mercado interno americano e, portanto reaquecer a economia.

Alguns países, muito desenvolvidos, não têm como aquecer o mercado interno, não têm mais necessidade de fazer milhões de casas, ou já não têm mais necessidade de fazer estradas e ferrovias. No caso do Brasil, e certamente no caso da Turquia, e no caso de outros países, nós ainda temos muitas coisas para fazer do ponto de vista da infraestrutura, e somente o Estado é que pode ser o indutor para que possamos alavancar, junto com a iniciativa privada, esses investimentos para gerar empregos e fazer distribuição de renda nos nossos países. Os empresários brasileiros que estão aqui, estão vivendo uma experiência nova no Brasil. Estão vivendo uma experiência de um



país que resolveu assumir o seu destino, resolveu que não iria permitir ingerências externas nas nossas decisões políticas. Tomamos a decisão, de forma unilateral, de devolver o dinheiro do FMI que estava disponibilizado para o Brasil. Deixamos de ser credores ou devedores externos para sermos credores externos. Hoje temos mais reservas do que as dívidas que o país tem, privadas ou públicas. E eu lembro perfeitamente bem a indignação do presidente do FMI quando eu telefonei para ele, o meu amigo Rato, espanhol, comunicando a ele que o Brasil não precisava mais do dinheiro do FMI e que nós iríamos devolver o dinheiro para ele. Ele não acreditava que nós fôssemos devolver o dinheiro para o FMI. Não só devolvemos, como agora estamos dispostos a fazer um empréstimo para o FMI ajudar os países que mais necessitam de empréstimos para enfrentar a crise externa.

E por conta dessa decisão nós resolvemos mudar um pouco para o Brasil a geografia comercial do mundo. O Brasil como todo e qualquer país da América Latina ou da América do Sul, tinha uma relação muito privilegiada com os Estados Unidos e uma relação muito privilegiada com a Europa e tinha uma relação um pouco melhor com a própria América do Sul e América Latina, com a África, com os países Árabes e mesmos com a Ásia nós estávamos em um bom começo de relações com a China.

Pois bem, nós conseguimos diversificar a nossa balança comercial. Hoje, neste mês de abril, a China é o primeiro parceiro comercial do Brasil. Passou os Estados Unidos que ao longo de um século foi o primeiro parceiro comercial do Brasil. Não que tenham diminuído as exportações do Brasil para os Estados Unidos. Pelo contrário, elas vieram crescendo cerca de 20% ao ano, mas a China já passou. Segundo, a América Latina hoje... É mais importante o conjunto da América Latina do que a Europa na relação comercial com o Brasil. E o conjunto da América Latina é mais importante do que Estados Unidos também na balança comercial.

Nós tínhamos uma balança comercial de apenas US\$ 8 bilhões com o



mundo árabe e hoje chegamos a US\$ 20 bilhões de dólares com o mundo árabe. Nós tínhamos quase nada com o continente africano e hoje ultrapassamos os US\$ 15 bilhões com o continente africano. Apenas alguns exemplos das modificações no cenário internacional que o Brasil está vivendo porque ousou diversificar o seu mercado, e as suas relações comerciais.

Pois bem. Não é normal, e não é justo que um país de 60 milhões de habitantes como a Turquia, e um país de 190 milhões de habitantes como o Brasil, tenham um fluxo de balança comercial de apenas US\$ 1 bilhão. É uma vergonha para o Brasil e é uma vergonha para a Turquia. Porque nós temos possibilidades de termos um fluxo de balança comercial infinitamente maior do que nós temos hoje.

Agora, o que acontece? É que nós precisamos compreender que nesse mundo globalizado nós não temos o direito de ficar esperando a sorte passar na frente da nossa casa. Nós temos que procurar parceiros, nós temos que descobrir similaridades entre os países, nós temos que descobrir novas oportunidades. E nada é mais sagrado do que o governo ser apenas o indutor, e que os empresários terminem sendo os construtores dessa parceria, porque quem sabe fazer negócio são vocês, e não é o governo.

Agora, se os empresários turcos não forem ao Brasil, se os empresários brasileiros não vierem à Turquia, vai ficar muito difícil algum passarinho levar comércio turco para o Brasil, ou trazer comércio do Brasil para cá. É preciso que nós nos descubramos. É preciso que nós saibamos o que cada um de nós tem de bom para oferecer. Por exemplo, quando o Ministro falou em energia renovável... Eu gostaria de convidar os empresários turcos para irem ao Brasil conhecer a tecnologia do etanol, a tecnologia do biodiesel, porque não é possível que [com] o mundo precisando ser despoluído, a gente continue utilizando energia fóssil, pagando caro por ela, sendo que nós temos possibilidade de construir um outro tipo de energia. E o que nós queremos?



O que nós queremos é que os senhores possam ter acesso às informações, conhecer o que são 35 anos de experiência na produção de etanol. Conhecer o que é um país de 190 milhões de habitantes em que 99% dos carros zero quilômetro são todos *flex fuel* – podem utilizar 100% de gasolina, 100% de álcool, 50% de gasolina, mistura, sem precisar mudar uma única peça do motor.

No começo tentaram dizer que o Brasil não poderia produzir biocombustível porque nós iríamos substituir a produção de alimentos. O Brasil tem 400 milhões de hectares de terras agricultáveis e de todos esses 400 milhões, apenas 1% é utilizado para plantar etanol. E eu tenho certeza absoluta de que nenhum governo do mundo será tão insano de preferir produzir biocombustível a produzir alimentos. Agora, é importante conhecer a experiência do Brasil para saber que é plenamente possível e compatível produzir as duas coisas com o manejo correto e com a organização correta da utilização da terra.

Nós falamos muito no Brasil que o turismo tem que ser tratado como se fosse uma indústria. Mas o turismo no Brasil só está sendo tratado a sério há pouco tempo. Agora é que nós criamos o Ministério do Turismo, porque antes nós tínhamos uma empresa brasileira de turismo, e uma empresa por si só não tinha poder de ingerência nas decisões de governo e, portanto, o turismo nosso ficava muito por conta da curiosidade de quem quisesse conhecer Ipanema ou Copacabana. E nós ainda não conseguimos fazer o que achamos que podemos fazer. Porque o turismo não pressupõe apenas ter coisas bonitas. O turismo pressupõe ter gente bem formada para atender, o turismo pressupõe ter boa infraestrutura, mas, sobretudo, o turismo pressupõe que tenha transporte para levar o turista e para trazer, e somente agora é que nós temos um voo Turquia-Brasil. E por incrível que pareça, ontem eu cheguei ao hotel, a primeira pessoa que eu encontrei foi o meu ex-ministro do Turismo, aliás, o primeiro Ministro do Turismo que o Brasil teve, indicado por mim, em 2003, que



ficou sabendo que tinha um voo São Paulo-Istambul, resolveu pega a mulher dele e vir conhecer Istambul.

Ora, se a gente não estabelece, e falta ao Brasil fazer a contra-parte... Porque o Brasil como uma economia grande tem a obrigação de garantir que as empresas brasileiras façam voo para cá também, e não esperando apenas que os outros levem voo para o Brasil. Esse é um desafio que o meu governo tem e que nós pretendemos resolver antes de terminar o meu mandato, dia 31 de dezembro de 2010.

Outra coisa muito importante, a nossa – estou vendo o Renato ali, os nossos diretores internacionais da Petrobras – a Petrobras finalmente resolveu prospectar petróleo aqui na Turquia. A Petrobras é uma empresa que vocês todos conhecem, uma das maiores empresas do mundo na área de petróleo, a empresa que detêm a mais competente tecnologia para prospecção em grande profundidade. Dia 1º de maio começamos a tirar o primeiro barril de petróleo do pré-sal, a seis mil e quinhentos metros de profundidade, não é pouca coisa, é muita coisa. E finalmente, eu estou sabendo que em dezembro chega a sonda aqui para começar a tirar petróleo no mar Negro. Deus queira que encontrem petróleo, para o bem do povo da Turquia e para o bem da nossa Petrobras, porque aí ela vai perceber que não precisa ter medo de fazer investimentos e prospectar em outros países. Mas é com muita alegria que eu vejo a Petrobras se implantando definitivamente aqui na Turquia, fazendo parceria com a empresa turca de petróleo para que a gente possa fazer com que a empresa turca e a Petrobras fiquem cada vez maiores, possam tirar bastante petróleo para baratear o preço do combustível aqui na Turquia, e quem sabe baratear o preço um pouco no Brasil, que já está barato, mas pode baratear mais.

Uma coisa que eu acho extremamente importante: A nossa Apex - está aqui o Ministro do Desenvolvimento - ela deve montar um escritório aqui em Istambul. A Apex é a nossa Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Importação. Precisa falar sempre de exportação e importação, porque senão



as pessoas só querem vender e as pessoas têm que entender que o bom comércio não é aquele em que a gente só vende. É aquele em que a gente vende e a gente compra para que o fluxo e a balança comercial fiquem mais ou menos iguais, para que ninguém fique sufocado diante do outro país.

Eu espero, Miguel Jorge, que a Apex seja montada rapidamente aqui. Da mesma forma – eu estou vendo ali a nossa diretora da Embratur – eu espero, Jeanine, que a gente faça com que o povo brasileiro conheça Istambul. Porque, efetivamente – eu queria até pedir para a imprensa brasileira se puder viajar um pouco, escrever sobre Istambul. Porque a primeira imagem que eu tinha de Istambul era a do filme “Expresso Oriente”, se não me falha a memória. É a primeira imagem.

Faz muitas décadas que eu sonho em vir para Istambul, vim pela primeira vez a Istambul. Eu acho que muitos brasileiros precisam conhecer Istambul. Mas muitos turcos precisam conhecer o Rio de Janeiro, precisam conhecer o nordeste brasileiro e, sobretudo, precisam conhecer São Paulo, onde tem mais interesses dos empresários fazerem negócios.

Eu estou convencido. Parece-me que vocês estão montando a instalação de um consulado em Istambul e em São Paulo. Porque nós estamos muito distantes, parece que Dom Pedro não deixou saudade, e eu espero deixar um pouco de saudade para a gente correr atrás e fazer as coisas acontecerem.

O nosso embaixador, a partir desta viagem, vai ter muito trabalho aqui e certamente o embaixador da Turquia no Brasil vai ter muito mais trabalho do que ele teve até agora.

Bem, nós criamos uma comissão mista, se não me falha a memória, em 1995. E essa comissão mista nunca se reuniu. Nunca se reuniu. Então, está aqui o meu Ministro das Relações Exteriores, que é o responsável pelo Brasil, e eu queria que essa reunião mista acontecesse. É uma comissão mista de cooperação econômica, comercial e industrial. Portanto, companheiro Celso



Amorim, vamos fazer essa comissão mista acontecer ainda em 2009. Sob o calor da minha visita é preciso fazer essa coisa acontecer. Também vamos esperar que a gente receba as autoridades turcas ainda este ano ou no começo do ano que vem.

Uma outra coisa importante: muitas vezes – e eu tenho aprendido ao longo desses anos na Presidência da República no Brasil – [a gente aprende] que não existe outra possibilidade para a gente vender as coisas boas do nosso país se você não viajar e carregar junto com você uma comitiva de empresários.

Na verdade, eu acho que esse deveria ser o papel das federações empresariais. Se cada estado brasileiro que tem uma federação, uma vez por mês lotasse um avião *charter* e escolhesse um país para vender os produtos ou para comprar produtos, certamente nós teríamos muito mais dinamismo do que nós temos hoje. A verdade é que todos nós nos acomodamos e o mundo globalizado não permite que a gente fique acomodado. Certamente nós vamos ter que trabalhar muito mais, e pode se preparar porque eu acho que o Brasil nunca mais voltará a ser o mesmo, de relações com meia dúzia de países.

Quanto mais relações nós tivermos, mais chance nós temos de fazer trocas, mais chances nós temos de turismo, mais chance nós temos de trocas empresariais, de investimentos de empresas brasileiras na Turquia, de investimentos de empresas turcas no Brasil, de *joint-venture* entre empresas brasileiras e as turcas, para fazer a economia girar um pouco.

Nós não podemos passar o século XXI como passamos o século XX. Todo mundo queria vender para a Europa, todo mundo queria vender para os Estados Unidos e todo mundo queria vender para a China. Ou seja, não existe mercado comprador de tudo o que a gente produz se nós não aumentarmos a quantidade de países com quem nós precisamos fazer [manter] relações. Não precisa um presidente da República de qualquer país dar conselho, pois todo



mundo sabe que nesse mundo globalizado, quem não trabalhar mais, quem não viajar mais, quem não andar mais, vai perder oportunidades.

Como é que o Brasil pode comprar mais da Turquia, se os empresários brasileiros conhecem pouco a Turquia? Como é que a Turquia pode comprar mais do Brasil, se os empresários turcos não conhecem o Brasil? Esse é um desafio. Esse é um desafio que já não comporta mais o que comportava no século XX, apenas o trabalho dos nossos embaixadores. Hoje é preciso muito mais que embaixadores. Hoje é preciso que governos, que ministros, que parlamentares, que autoridades viajem. Quanto mais nós viajamos, menos nós criamos problemas internos nos nossos países e as coisas acontecem com mais facilidade.

A última coisa que eu queria dizer para vocês e certamente amanhã conversarei com o Presidente: esta crise, ela precisa ser vista por nós como um lembrete [como] algum sinal de que nós não podemos repetir no século XXI os erros que foram cometidos no século XX. Durante décadas se vendeu a idéia de que o mercado por si só resolveria todos os problemas da humanidade. Quando se estabeleceram as doutrinas do Consenso de Washington, chegou-se a imaginar que não precisariam (incompreensível). O mercado resolveria tudo.

Por conta dessa doutrina, o que nós vimos acontecer agora? É que o sistema financeiro estava totalmente sem controle, pessoas ganhavam dinheiro, e muito dinheiro, sem produzir um copo, sem produzir uma folha de papel, sem produzir uma camisa, um sapato, sem produzir absolutamente nada. Especulando, e especulando. Um papel só gerava enriquecimento de vários bancos. Na verdade era um banco, não de financiamento do setor produtivo, era um banco de troca de papéis, ou seja, graças a Deus a máscara caiu.

Porque na crise do ano passado quando o petróleo chegou a US\$ 150 dólares o barril, ou quando as *commodities* agrícolas subiram de forma



totalmente descontroladas, teve dois atores que pagaram o preço. Primeiro, diziam que o petróleo tinha subido de preço porque a China estava consumindo demais. Segundo, disseram que as *commodities* agrícolas estavam subindo demais porque o Brasil estava produzindo biocombustíveis. Duas mentiras. Eles já sabiam do *subprime*, estava quebrando, e o dinheiro saiu para o mercado futuro. E aí, descobre-se que no mercado futuro de dólar tinha a mesma quantidade de petróleo comprada no mercado futuro, que era o consumo da China.

Eu espero que junto com a Turquia, que participa junto com o Brasil do G-20, a gente tenha a ousadia de tomar atitudes para não permitir que o sistema financeiro tenha outra finalidade a não ser aquela de emprestar dinheiro ao setor produtivo (incompreensível) cada vez mais gerar emprego e gerar renda. Eu espero que no G-20, a gente cumpra a decisão de não permitir a existência de paraísos fiscais.

Se todo mundo aprender esta lição, certamente nós não incorreremos nesse mesmo erro no século XXI e a gente pode ver um sistema financeiro sadio, financiando o setor produtivo que, crescendo, vai financiar o próprio setor financeiro. Essa é uma lógica tão natural que nós não podemos permitir que ela seja distorcida.

O dinheiro do PAC é para ajudar a agricultura, é para ajudar a indústria, o comércio. Não é para alguém ganhar dinheiro especulando, como se estivesse em um cassino. E eu falo com muita sinceridade para vocês porque nós temos um sistema financeiro mais sólido. Mas o que nós descobrimos na crise? Que alguns empresários brasileiros estavam aplicando nos chamados derivativos. Já não se contentavam em ganhar o que estavam ganhando. Achavam que era possível ganhar um pouco mais fazendo trambique. Algumas empresas importantes tiveram problemas difíceis no Brasil, – e vocês brasileiros acompanharam – coisa que não era necessária. Porque se tem uma coisa que nenhum empresário brasileiro pode se queixar, nos meus seis anos



de mandato, é que nunca na vida se ganhou tanto dinheiro como se ganhou no meu governo. E todo mundo sabe disso.

Portanto, a hora é de ousadia para a Turquia e para o Brasil. E o Brasil gostaria de convidá-los para conhecer quais são as obras do nosso Programa de Aceleração do Crescimento. São US\$ 304 bilhões de investimentos até 2010.

Somente a Petrobras tem investimentos previstos de US\$ 168 bilhões até 2013. Nós vamos precisar construir muitos navios, muitas sondas, muitas plataformas, e nós gostaríamos de convidá-los a se associarem a essa perspectiva de investimentos que estamos fazendo no Brasil. São portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, e acho que isso deve estar acontecendo aqui na Turquia e os empresários brasileiros que vieram também precisam procurar se associar aos empresários turcos, para que a gente possa ter mais independência e ver a nossa economia crescer.

Pois bem, depois de judiar do intérprete porque falei muito rápido, eu queria terminar dizendo a vocês, meus amigos empresários, empresárias, e jornalistas: o mundo precisa que os governantes de hoje sejam mais atuantes, que a gente não tenha que ter medo. A Turquia não tem que ter medo do Brasil na sua relação comercial. O Brasil não tem que ter medo da Turquia. O Brasil não tem que ter medo da China. A China não tem que ter medo do Brasil. O que nós precisamos é tornar um hábito, acontecer estas coisas que estão acontecendo aqui, agora. Este evento empresarial não pode ser uma coisa a cada década. As nossas comissões mistas precisam se reunir pelo menos a cada dois anos. É preciso fortalecer e criar uma câmara de comércio Brasil e Turquia, para que possa funcionar todo ano, para que a gente descubra oportunidades, porque senão nós vamos chegar no século XXI, continuar pobres como éramos no século XX e culpando os países ricos pela nossa pobreza.

A nossa pobreza, ela se deve, muitas vezes, à mediocridade de quem



nos governou durante tantos anos e não agiu com a grandeza que um chefe de uma nação tem que agir.

Brasil e Turquia têm um potencial extraordinário, que eu acho que nós ainda não exploramos 10% do potencial, e eu espero que depois desse encontro de vocês, depois da nossa visita, a gente comece a andar, senão a 100 [Km] por hora, pelo menos a 50 [Km] por hora e não mais aos 15 [Km] por hora que nós estamos andando agora.

Quero desejar a todos vocês boa sorte, bons negócios. Se depender de mim e do governo nós vamos acertar. Agora, depende muito de vocês, empresários brasileiros e empresários turcos.

Um abraço e boa sorte.

(\$211B)